

1.

INTRODUÇÃO

A teologia de Rahner se ocupa dos problemas gerais da vida humana e da vida da Igreja, não despreza uma leitura teológica da cada experiência humana, por menor que seja, não nega a luz da Palavra de Deus e o alívio da tradição cristã a cada situação concreta do ser humano. Pode ser definida como uma teologia “kairológica”, no sentido de uma leitura teológica, ou seja, à luz da Palavra de Deus e da reflexão racional, dos diversos e múltiplos *kairòi* (tempos da graça) que compõe toda história humana, uma teologia “viva”, que parte dos problemas da vida e ajuda a resolvê-los. Poder-se-ia afirmar que não existe uma só conferência ou um só ensaio que não esteja direta ou indiretamente ligado a um problema prático pastoral a ser enfrentado.

As perguntas existenciais a que ela responde não são as “particulares”, de grupos cultos e eruditos que possuem necessidades induzidas e não reais, mas as perguntas comuns do ser humano comum.

O que Rahner descreve não é a experiência dos grandes místicos, dos grandes profetas, mas a experiência rotineira, habitual, coletiva, do ser humano comum. Se Deus se revela a cada ser humano, cada ser humano deve ser colocado em condições de compreender e de interpretar essa revelação. Com esse objetivo, ele deve lançar mão de um instrumento adequado de hermenêutica da própria vida, das próprias vicissitudes. E esse instrumento, precisamente, pode ser só um tipo de reflexão teológica, estritamente ligada às necessidades e às demandas da pessoa.

Portanto, pode-se dizer que a teologia de Rahner, no plano ontológico e antropológico, quis sondar e analisar as condições de possibilidade para o ser humano, de experimentar, no interior de sua própria existência, uma abertura para o mistério sagrado e absoluto de Deus. No plano lógico, ao contrário, quis demonstrar que o pressuposto fundamental para a realização de uma teologia existencial ou, como será definida em seguida, transcendental, é a própria experiência de Deus, já provada anteriormente. Rahner explica esse círculo hermenêutico dizendo que em sua teologia é de importância fundamental que se parta de uma experiência autêntica e original de Deus e do seu Espírito. Ela precede logicamente, ainda que não necessariamente

cronologicamente, a reflexão e a verbalização teológicas, e nunca é expressa adequadamente por esta.

Segundo Rahner, todo ser humano pode fazer e de fato faz a experiência de Deus. Se o mundo de hoje parece um mundo sem Deus, um mundo vazio de Deus, o sentimento desse vazio pode ser compreendido como uma experiência negativa da transcendência de Deus. O ateísmo, assim, é o momento da própria experiência de Deus que permitirá que Deus apareça de maneira mais radical e clara como mistério a ser adorado, como mistério que o ser humano não pode manipular intelectualmente e praticamente, nem inserir no seu sistema de coordenadas, mas ao qual deve se abandonar a esperança. A experiência atual de Deus é muito mais radical e claramente que outras vezes uma experiência da transcendência que desdiviniza o mundo e deixa Deus ser Deus.

A experiência de Deus constitui a profundidade última e a dimensão radical de toda experiência pessoal espiritual (do amor, da fidelidade, da esperança) e com isso constitui a totalidade originariamente indivisa da experiência, na qual a pessoa espiritual é senhora totalmente de si e se sente entregue a si mesma.

Essa experiência transcendental de Deus não é algo excepcional, reservado a uma elite, a poucos afortunados, que se percebe e se manifesta no caráter extraordinário dos fenômenos e no caráter excepcional das situações, mas algo mais comum, normal, pessoal que ocorre na vida de qualquer ser humano. Ela é acessível, fundamentalmente, a qualquer ser humano que usa honestamente as suas faculdades de inteligência e de liberdade, e talvez não seja errado, fazendo uma antecipação profética, dizer que a existência hoje típica, que progressivamente realizará a mediação (da experiência de Deus), não é tanto a do santo e a do sábio dedicado à contemplação, e sim a existência do indivíduo que, sem impulsos patéticos, sem palavras eloquentes, suporta o peso solitário da sua responsabilidade e vive altruisticamente para o próximo. Por isso, se um ser humano é privado de sua liberdade, mesmo se essa privação de liberdade se chama escravidão da fome, que obviamente impede qualquer outra atividade, ou se é privado de seu conhecimento, porque é mantido na ignorância e na imaturidade, de fato, esse ser humano é privado do próprio Deus. A promoção da experiência de Deus e a libertação e a promoção de qualquer forma de humanidade não devem nunca ser desvinculadas, mas caminham lado a lado.

A experiência de Deus está sempre diretamente relacionada com nosso compromisso no mundo. Entretanto, a ligação entre Deus e a história não consiste simplesmente no fato de Deus ser experimentado em nossa história pessoal e por meio dela. Mas exatamente, é preciso insistir que a experiência de Deus transforma nosso senso de história e de tempo. Longe de nos afastar de nossa história, a experiência de Deus pode dar todo um novo sentido a nosso tempo. Pode levar da experiência do tempo como *chronos* para a experiência do tempo como *Kairos*.

A experiência de Deus surge em acontecimentos específicos de nossas vidas e, então muda nossa percepção desses acontecimentos para que possam ser percebidos como plenos de sentido. Ela revela um chamado naquilo que já estamos fazendo que nos convida a ir muito além de nosso nível atual de dedicação. Também pode desintegrar nossa posição atual e pô-la em dúvida e nos desafiar a tomar um novo rumo. A graça nos chama para o futuro – o futuro de Deus.

A experiência de Deus permite que nos tornemos mais plenamente vivos, mais plenamente humanos e mais completamente envolvidos em nossa história humana. Permite, também, uma dedicação mais profunda e proporciona uma fonte de coragem e energia na luta pela justiça.